

A IMPORTÂNCIA DA COMPOSIÇÃO DOS FILHOS PARA A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA FORÇA DE TRABALHO - UMA ANÁLISE PARA O BRASIL DE 1992 A 2008

Marina Ferreira Fortes Aguas¹

Resumo

O artigo objetiva investigar como a composição da família influencia a decisão de participação das mulheres no Brasil. Em especial, procura-se analisar de que maneira a presença de filhos em diferentes faixas etárias ou a ausência deles interfere na probabilidade de as mulheres casadas estarem na PEA. Também são destacadas questões relacionadas às diferenças de gênero dos filhos e ao cumprimento de tarefas domésticas. O estudo tem como base os dados da PNAD entre 1992 a 2008. As evidências encontradas indicam que existe uma relação negativa entre ter filhos com menos de 10 anos e a probabilidade de a mulher estar na PEA. A magnitude do efeito, no entanto, varia conforme o arranjo dos filhos, sendo mais intensa para as mães com crianças em idade pré-escolar. Adicionalmente, mostra-se que a presença de filhos com 11 anos ou mais reduz o impacto negativo de ter filhos de 0 a 5 anos, porém esse efeito amortecedor do filho mais velho perde força ao longo dos anos.

Palavras-chave: Participação Feminina na força de trabalho, Estrutura Familiar, Filhos.

Abstract

The article investigates how the composition of the family influences the participation decision of women in Brazil. In particular, we seek to analyze how the presence of children at different ages or lack of them affects the likelihood of married women are in the labor force. Are also highlighted issues related to gender differences of children and the performance of household tasks. The study is based on the PNAD data from 1992 to 2008. The evidence indicates that there is a negative relationship between having children under 10 years and the likelihood of women being in the labor force. The magnitude of the effect, however, varies depending on the arrangement of the children, being more severe for mothers with children at preschool age. Additionally, it is shown that the presence of children aged more than 10 years or more reduces the negative impact of having children between 0 and 5 years, but this dampening effect of the eldest son loses strength over the years.

Keywords: Women labor force participation, Family Structure, Children.

JEL: J21,J16.

Área 12 – Economia do Trabalho

¹ Doutoranda da Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO

O substancial aumento da participação feminina na força de trabalho foi uma das características marcantes da maioria das economias desenvolvidas ou em desenvolvimento no século XX. Tal fenômeno teve grande influência das mudanças ocorridas no papel da mulher, tanto na sociedade, quanto na família e no ambiente econômico. Neste contexto, é importante lembrar os movimentos de libertação femininos, durante a metade do século XX, que lutavam pela igualdade legal e social das mulheres, assim como a revolução sexual promovida pelos métodos contraceptivos que gerou reflexos diretos sobre a taxa de fecundidade.

A elevação da participação feminina no mercado de trabalho, no entanto, se deu de forma diversa entre os países e em momentos distintos. Todavia, desde a década de 1960 boa parte das economias avançadas já apresentavam um crescimento considerável na proporção de mulheres, particularmente daquelas casadas, na população economicamente ativa (PEA)². Essa tendência de aumento da atividade feminina parece ter se intensificado desde o final do século passado, principalmente com a ampliação do nível educacional, do número de mulheres chefes de domicílio e dos inúmeros serviços que visam facilitar a vida familiar, a exemplo das creches. Com isso, cresceu-se o interesse na identificação dos principais determinantes da recente entrada das mulheres na força de trabalho e de quais as políticas públicas de maior impacto nestas conquistas.

Apesar dessa importante evolução, ainda é possível notar que a capacidade laboral feminina encontra-se bem abaixo da masculina, podendo ser um indicativo de subaproveitamento da mão-de obra ou de discriminação. No ano de 2008, por exemplo, entre os brasileiros na faixa etária de 15 a 64 anos, 72,4% dos homens estavam ativos no mercado de trabalho e apenas 52,2% das mulheres se encontravam nesta situação. Tal divergência entre gênero e uma baixa taxa de atividade feminina acabam por ter sérias implicações em termos do nível de produto da economia, na medida em que uma parcela grande da força de trabalho permanece ociosa. De modo semelhante, o acesso diferenciado a oportunidades no mercado de trabalho tanto entre homens e mulheres, quanto entre grupos específicos de mulheres, pode tornar-se um empecilho à redução da pobreza ou até mesmo contribuir para a elevação da desigualdade de renda entre as famílias³.

A literatura tem apontado inúmeros fatores para que a taxa de participação feminina seja menor do que a masculina. Em especial, chama-se a atenção para questões de natureza extra-econômica como hábitos, religião, estrutura e composição familiar, e também para elementos estritamente econômicos, tais como nível de desenvolvimento, funcionamento do mercado, vulnerabilidades a mudanças de demanda por mão-de-obra, variação no nível de renda e de salários (Durand,1975).

Uma das linhas de pesquisa de maior destaque tem como o foco a tentativa de mensuração do efeito dos filhos ou da decisão de tê-los sobre a participação das mulheres na força de trabalho. A motivação está no fato de que a inserção da mulher no mercado de trabalho não depende apenas de atributos como idade, educação e características individuais, mas também das características familiares, como a presença, idade e gênero dos filhos, o status marital e a renda de outros membros. É de se esperar que tais atributos familiares acabem por dificultar a entrada ou dedicação das mulheres ao mercado de trabalho, na medida em que elas buscam articular trabalho e família. Assim, estudar os fatores que determinam tal participação no mercado de trabalho e as suas consequências é uma questão importante, com implicações para o bem estar da população e para a elaboração de políticas públicas.

Este artigo tem como objetivo investigar de forma mais profunda a relação entre a estrutura familiar e a decisão de participação das mulheres no Brasil. Em especial, procura-se analisar de que maneira a presença de filhos em diferentes faixas de idade ou a ausência deles interfere na probabilidade das mulheres casadas estarem na PEA. Além disso, são destacadas questões relacionadas às diferenças de gênero dos filhos, assim como o cumprimento de tarefas domésticas e a possibilidade de frequentar creches.

O exercício empírico baseia-se em uma amostra de mulheres casadas com idade entre 15 e 45 anos, que possuem ou não filhos. Estes dados foram extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de

² Para maiores detalhes sobre a evolução da PEA feminina ver Heckman & Killingsworth, 1986.

³ Para mais detalhes ver Barros e Mendonça (1989)

Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o período de 1992 a 2008.

O método utilizado consiste na estimação da probabilidade das mulheres pertencerem a força de trabalho a partir de um conjunto de variáveis explicativas que englobam tanto atributos pessoais das mulheres e de seus cônjuges, quanto características dos filhos. As evidências encontradas indicam que existe uma relação negativa entre ter filhos com menos de 10 anos e a probabilidade de a mulher estar na PEA. A magnitude do efeito, no entanto, varia conforme o arranjo dos filhos, sendo mais intensa para as mulheres com crianças em idade pré-escolar. Adicionalmente, mostra-se que a presença de filhos com 11 anos ou mais reduz o impacto negativo de ter filhos de 0 a 5 anos, porém esse efeito amortecedor do filho mais velho perde força ao longo dos anos.

Em relação às questões específicas relativas aos filhos mais velhos, conclui-se que meninas jovens ou adolescentes, acima de 10 anos, tem um papel importante sobre a decisão de participação das mães, na medida em que muitas vezes substituem as responsabilidades maternas no domicílio, principalmente com relação aos cuidados dos irmãos. Da mesma forma, mulheres com algum filho com 11 anos ou mais exercendo afazeres domésticos têm uma maior probabilidade de estar na força de trabalho se comparadas aquelas com nenhum filho cumprindo tais atividades. Ambos os resultados corroboram a idéia de que a redução de barreiras por parte dos filhos é um incentivo a participação das mães.

Além dessa introdução, o artigo é composto por mais cinco seções. A primeira exibe o panorama evolutivo da taxa de participação por gênero em alguns países da OCDE e no Brasil e em seguida é realizada uma breve resenha da literatura sobre a participação feminina, dando ênfase ao contexto familiar. A segunda faz uma apresentação dos dados e sua análise descritiva. A terceira seção expõe a metodologia utilizada e na seguinte são mostrados os resultados das estimações. Por fim, a seção seis destaca as principais conclusões.

2.1 PANORAMA EVOLUTIVO RECENTE DA PARTICIPAÇÃO ENTRE GÊNEROS – BRASIL E PAÍSES DA OCDE

Essa seção apresenta a evolução das taxas de atividade entre homens e mulheres no Brasil e em alguns países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) durante as duas últimas décadas. O objetivo é situar os avanços brasileiros correspondentes ao aumento de participação das mulheres frente aos países com um nível mais elevado de desenvolvimento.

O gráfico 1 ilustra, para diversos países da OCDE e também para o Brasil, a diferença entre as taxas de atividade de homens e mulheres com idade entre 15 e 64 anos para o período de 1992 a 2008.

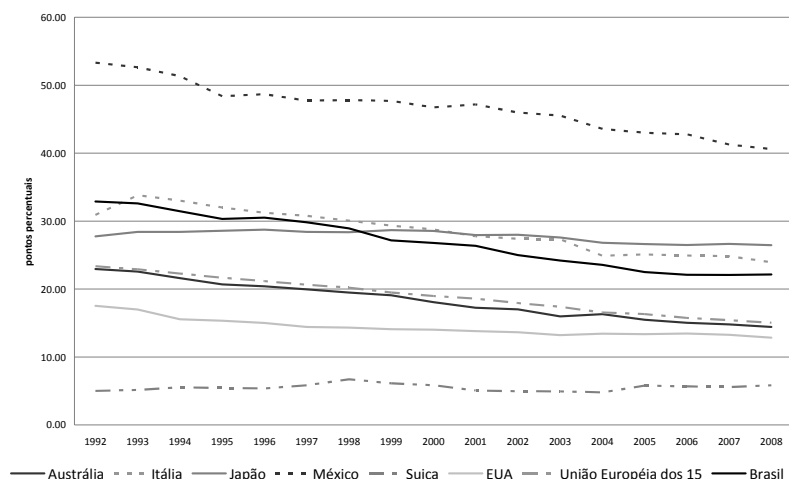
Chama atenção o fato de que a desigualdade entre homens e mulheres varia muito conforme o país e seu grau de desenvolvimento econômico e cultural. Na Suíça, por exemplo, a participação feminina está num nível muito elevado desde 1992, na medida em que ela apenas difere em 5 pontos percentuais (p.p.) para menos da participação dos homens, cujo patamar de atividade está próximo de 84%. Os EUA, assim como a União Européia dos 15⁴ e a Austrália reduziram essas diferenças entre gêneros durante os 17 anos reportados, alcançando em 2008 um valor ligeiramente abaixo de 20 p.p.⁵. Já o Japão manteve a diferença nas taxas de atividade praticamente inalterada e num patamar próximo de 27 p.p.. Todavia, foi o México o país com maior desigualdade entre gêneros, apesar do movimento de decréscimo ao longo do período. Em média, os homens mexicanos exibiram uma taxa de participação de 90%, enquanto as mulheres de apenas 42%.

O Brasil, apesar do persistente distanciamento entre a participação de homens e mulheres, apresentou uma forte queda desta relação que resultou em um declínio de 10 p.p. entre 1992 e 2008. Com isso, dado que a proporção de homens na PEA se manteve praticamente constante neste mesmo período (86%), tal redução foi reflexo da maior participação feminina, que saltou de 56% para 63% em 17 anos. Esse comportamento da taxa de atividade é semelhante ao de países como o Japão e a Itália, onde questões culturais ainda influenciam fortemente as decisões laborais das mulheres.

⁴ A UE dos 15 é composta por: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e Suécia.

⁵ Em média a taxa de participação masculina foi de 86,2% para os EUA, de 80% para a Europa dos 15 e de 84,6% para a Austrália no período de 1992 e 2008.

Gráfico 1: Diferença entre a taxa de participação dos Homens e das Mulheres entre 15 e 64 anos – Diversos Países



Fonte: elaboração própria a partir dos dados da OCDE e da PNAD entre 1992 e 2008.

2. BREVE RESENHA DA LITERATURA EMPÍRICA

Vários estudos têm sido desenvolvidos com o objetivo de analisar a participação feminina dentro de um contexto de decisão familiar. Dentre eles, Kreps & Clark (1975) buscam definir o padrão da participação das mulheres na força de trabalho e concluem que no caso das mulheres casadas, o seu engajamento com a PEA é uma função da sua idade e escolaridade, do número de filhos, da posição ocupacional do companheiro e de outras fontes de renda familiar. Bowen & Finegam (1969) acrescentam que a taxa de participação das mulheres casadas também é função da probabilidade de se encontrar emprego, do nível geral dos salários femininos e do custo de exercer atividades domésticas.

No Brasil, trabalhos como de Sedlacek & Santos (1991) utilizando dados da PNAD de 1984 para as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, analisam como o nível e a intensidade da participação das mulheres casadas e com idade entre 15 e 54 anos são afetados por mudanças na renda do marido. Indiretamente, essa investigação acaba por envolver uma análise da dinâmica comportamental da família. Os autores empregam o método probit para modelar a probabilidade de a mulher estar trabalhando, como função de características observadas e de dummies que indicam a posição relativa do companheiro na distribuição de renda do trabalho. Os resultados encontrados confirmam o padrão estabelecido por Kreps & Clark (1975), ou seja, quanto maior a educação da mulher maior é a sua probabilidade de fazer parte da PEA; a faixa etária de 24 a 29 anos foi o ponto máximo de participação alcançado, controlando para as demais variáveis; a distribuição de filhos interfere nessa ligação com o mercado de trabalho, pois quanto mais jovens e em maior número, menor é a entrada da mulher na PEA. Possuir filhos entre 11 e 17 anos, no entanto, não apresentou efeitos estatisticamente significativos. Por fim, as evidências mostram um formato de “U” para a relação entre a participação e a renda do marido.

O artigo de Rios-Neto (1996) avalia o impacto do status das crianças sob a participação feminina na PEA, adaptando para o Brasil a metodologia de Nakamura & Nakamura (1992). O autor inicia seu trabalho definindo o status das crianças no contexto da crítica que a literatura econométrica faz ao viés de simultaneidade e em seguida estima ao nível domiciliar, utilizando dados da PNAD de 1983, a participação feminina tentando incorporar as técnicas corretivas dos referidos vieses. Os resultados indicam que pode haver certo viés nas estimativas, porém que a presença de filhos com menos de 1 ano de idade definitivamente afeta de forma negativa a oferta de trabalho da mãe.

Scorzafave & Menezes-Filho (2001) procuram entender os fatores que influenciam esta participação através da estimação da probabilidade de a mulher estar participando contra variáveis explicativas dos seus atributos e da sua situação familiar. Essa análise é feita para quatro períodos de tempo, 1982, 1987, 1992 e 1997, e utiliza uma subamostra de mulheres entre 25 e 64 anos selecionada da PNAD. Os resultados indicam que a aproximação feminina com o mercado de trabalho está positivamente associada ao nível educacional e à condição de chefe exercida pela mulher. Contudo, esta relação está

negativamente relacionada com a renda domiciliar per capita líquida, isto é, descontada a renda da própria mulher, com o número de filhos entre 0 e 10 anos, em especial para a faixa de 0 a 2 anos, e com a quantidade de adultos presentes no domicílio. Para filhos entre 11 e 17 anos, o efeito sobre a participação é positivo.

Em um trabalho recente, Costa (2007) utiliza dados da PNAD 2005 para averiguar os determinantes da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. Através do método probit, a autora estima a probabilidade de as mulheres chefes ou cônjuges de domicílio, com idade entre 20 e 59 anos e que habitam áreas urbanas, estarem ocupadas ou desocupadas. Os resultados dessa investigação indicam que mulheres mais educadas tendem a participar mais e que, quanto menor a idade dos filhos, menor a oferta de trabalho feminina, principalmente na faixa de idade entre 0 e 3 anos. O status marital de casada também interfere negativamente nessa relação.

Adicionalmente, a autora aprofunda a análise da estrutura familiar ao separar por gênero os filhos entre 11 e 15 anos, partindo da hipótese de que as meninas desde cedo contribuem no exercício de tarefas domésticas. O resultado, no entanto, não corrobora a hipótese, pois um efeito não negativo na presença de filhas adolescentes sobre a aproximação das mães com a força de trabalho não é observado. Tal efeito, no sentido de redução da participação da mãe, mostra-se similar ao efeito da presença de filhos homens na mesma faixa etária.

Em outro exercício, com um universo de análise restrito às mulheres com filhos de 0 a 3 anos, o estudo busca averiguar o efeito da frequência de creches por estas crianças através de duas variáveis: proporção de filhos na creche e existência de ao menos uma criança nestas instituições na região de vizinhança da família (setor censitário da PNAD). No primeiro caso, os resultados apontam para um efeito positivo em 23 p.p. quando a mulher possui todos os filhos na creche, efeito que, todavia, poderia estar sendo captado erradamente dado o problema de endogeneidade entre a escolha de colocar os filhos na creche e oferta de trabalho das mães. Sendo assim, faz-se uso da segunda variável, que busca medir a oferta de creches nos arredores das famílias, e conclui-se que há um aumento de 9 p.p. na participação das mães quando existem creches nas proximidades.

Ramos, Aguas e Furtado (2009) procuram um melhor entendimento da questão do ingresso da mulher no mercado através da avaliação de como características pessoais e domiciliares interferem nessa decisão. Os autores averigam a existência de diferenças nesses determinantes de acordo com o status sócio-econômico da família, ou seja, criam um indicador independente da decisão de ingresso no mercado de trabalho, baseado na escolaridade dos cônjuges e na existência de outras fontes de renda que não o trabalho como uma *proxy* de pobreza ou riqueza potencial. O estudo é elaborado com base nos dados da PNAD entre 2001 e 2008 e a partir de uma amostra de mulheres casadas que vivem em famílias nucleares de uma das 10 regiões metropolitanas brasileiras. As evidências encontradas mostram que a presença de filhos em idade pré-escolar e de crianças na faixa etária de 6 a 10 anos de idade são obstáculos de destaques no ingresso feminino na força de trabalho. Além disso, mulheres cujas famílias são consideradas potencialmente pobres têm uma probabilidade mais alta estar na PEA, o que deve refletir o peso relativamente maior dado à sua renda do trabalho na formação da renda domiciliar. Já as mulheres que vivem em famílias potencialmente ricas têm uma probabilidade menor de ingresso. No caso de famílias potencialmente pobres, o efeito de crescimento da participação mencionado anteriormente tende a ser atenuado, e até mesmo revertido quando as mulheres possuem filhos em idade pré-escolar.

Tendo em vista essa rápida descrição de artigos empíricos sobre a oferta de trabalho feminina no Brasil, vale enfatizar a contribuição do atual estudo para a literatura de mercado de trabalho. Neste artigo busca-se aprofundar a investigação da composição familiar dos filhos como um dos principais determinantes da aproximação da mulher com a força de trabalho, assim como suas especificidades.

3. DESCRIÇÃO DOS DADOS

3.1. Base de dados

A análise empírica baseia-se nos dados da PNAD, do IBGE, no período de 1992 a 2008, excluindo os anos em que esta não foi realizada (1994 e 2000). A PNAD é uma pesquisa com representatividade

nacional, realizada anualmente, cujas informações são referentes às características gerais da população, migração, educação, trabalho. Contém ainda variáveis relacionadas as famílias, domicílios e rendimentos.

A cada pesquisa mais de 100 mil domicílios são entrevistados, número que vem crescendo com o passar dos anos. O mesmo acontece com a abrangência geográfica. Cabe destacar que a cobertura geográfica da pesquisa não incluía a área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá até 2003. Logo, na medida em que esse artigo procura analisar os dados ao longo das duas últimas décadas harmonizou-se as informações, excluindo da amostra a área rural da região Norte do país, a partir de 2004.

Durante todo esse período, as características gerais da população, como, por exemplo, idade, gênero, condição no domicílio e instrução educacional foram pesquisadas para todas as pessoas que compõem o universo de análise. Já as informações sobre trabalho e rendimento foram coletadas para as pessoas de 10 anos ou mais de idade.

Com o objetivo de investigar os determinantes da participação feminina na força de trabalho, extraiu-se da PNAD uma subamostra de mulheres com idade entre 15 e 45 anos que pertenciam a famílias nucleares, ou seja, que possuíam um companheiro do sexo masculino, podendo ou não ter filhos⁶. Estas escolhas foram feitas para tentar dirimir problemas de heterogeneidade entre as mulheres, já que grupos específicos de mulheres devem apresentar características não observáveis muito diferentes, como por exemplo, solteiras e casadas, mulheres na faixa etária de 15 a 45 anos e outras faixas etárias, e também entre aquelas que poderiam contar com ajuda de outros entes familiares e as que não têm essa possibilidade. Em média, a amostra considerou 41 mil observações para o Brasil, o que representa por volta de 43% do total de mulheres nesse intervalo de idade e cerca de 74% daquelas que são classificadas como chefes ou cônjuges no domicílio.

Para a análise empírica, foram elaboradas diversas variáveis a partir das características individuais das mulheres e também das características dos seus cônjuges. A tabela a seguir faz uma descrição dessas variáveis.

Para as mulheres, a idade foi representada através de dummies para determinados intervalos, na medida em que se espera um comportamento não linear da participação ao longo do seu ciclo etário. A mesma justificativa pode ser dada para a utilização de dummies por intervalos de escolaridade.

Um fator que deve ser importante para determinar a aproximação feminina com a força de trabalho é o rendimento de seu cônjuge. Procurou-se captar esse efeito através da inclusão de variáveis para os homens que normalmente fazem parte da equação de salário minceriana como idade, educação e experiência.

Na medida em que o foco da análise está concentrado na composição e estrutura familiar, também foram elaboradas inúmeras variáveis relacionadas a essa questão. Inicialmente, criaram-se variáveis dummies indicando a presença de filhos em três faixas etárias (0 a 5 anos, 6 a 10 anos, 11 ou mais anos) e também a ausência deles. Em seguida, foram feitas várias combinações referentes às composições de filhos, isto é, identificaram-se as mulheres com filhos em apenas uma determinada faixa, por exemplo, 0 a 5 anos, outras com filhos em duas faixas e, aquelas com filhos nas três faixas etárias. Posteriormente, foram analisadas questões mais específicas como a presença de jovens/adolescentes com 11 anos ou mais exercendo afazeres domésticos, assim como a diferença de gênero dos filhos mais velhos que pode ter um impacto diferenciado sobre as decisões da família.

Por fim, foram estabelecidas variáveis para representar as unidades da federação, as regiões metropolitanas e não metropolitanas, as áreas rurais e urbanas.

⁶ A PNAD classifica como filho a pessoa que era filho, enteado, filho adotivo ou de criação da pessoa de referência da unidade domiciliar (ou da família) ou do seu cônjuge. Com isso, não necessariamente todas as mulheres são mães dos indivíduos considerados filhos pela PNAD.

Tabela 1: Lista de variáveis

Nome da variável	Descrição	Valores assumidos
Características individuais das mulheres		
PEA	Participação no mercado de trabalho (ocupada ou desocupada)	1, se participa; 0, se inativa;
Idade15_19	Idade entre 15 e 19 anos	1, se está nessa faixa etária; 0, caso contrário;
Idade20_24	Idade entre 20 e 24 anos	1, se está nessa faixa etária; 0, caso contrário;
Idade25_29	Idade entre 25 e 29 anos	1, se está nessa faixa etária; 0, caso contrário;
Idade30_39	Idade entre 30 e 39 anos	1, se está nessa faixa etária; 0, caso contrário;
Idade40_45	Idade entre 40 e 45 anos	1, se está nessa faixa etária; 0, caso contrário;
Aposent_pensio	Recebe aposentadoria ou pensão de instituto de previdência	1, se recebe o benefício; 0, caso contrário;
Outras_pensio	Recebe outras formas de pensão	1, se recebe o benefício; 0, caso contrário;
Branca	Raça é branca	1, se for branca; 0, caso contrário;
Faixa_educa1	Escolaridade até o ensino fundamental incompleto (menos de 8 anos de estudo)	1, se está nessa faixa educacional; 0, caso contrário;
Faixa_educa2	Ter ensino fundamental completo, porém não o médio (de 8 a 10 anos de estudo)	1, se está nessa faixa educacional; 0, caso contrário;
Faixa_educa3	Ter ensino médio completo ou superior incompleto	1, se está nessa faixa educacional; 0, caso contrário;
Faixa_educa4	Escolaridade maior ou igual ao superior completo	1, se está nessa faixa educacional; 0, caso contrário;
D_idade_ct	Indica se começou a trabalhar antes dos 21 anos	1, se começou a trabalhar antes dos 21 anos; 0, caso contrário;
Características individuais dos homens		
Idade	Idade corrente	[15,99] anos
Educação	Número de anos concluídos de estudo	[0,17] anos de estudo
Experiência	Experiência no mercado de trabalho	Idade-educação-6
Ocupado	Está ocupado	1, se está ocupado; 0, caso contrário;
Desocupado	Está desocupado	1, se está desocupado; 0, caso contrário;
Inativo	É inativo	1, se é inativo; 0, caso contrário;
Características do domicílio		
UF	Unidade da Federação	Dummies para cada uma das 27 UF
Zona	Zona Metropolitana	1, se está na zona metropolitana; 0, caso contrário;
Rural	Área não metropolitana rural	1, se está na área não metropolitana rural; 0, caso contrário;
Urbana	Área não metropolitana urbana	1, se está na área não metropolitana urbana; 0, caso contrário;

Fonte: elaboração própria.

3.2. Análise descritiva dos dados

A exposição que se segue visa descrever o perfil das mulheres e das suas famílias no período de abrangência do estudo, 1992 a 2008, bem como apresentar as variáveis utilizadas nas estimativas reportadas no capítulo seguinte.

As estatísticas descritivas foram agrupadas segundo as características gerais da estrutura e composição das famílias e características específicas das mulheres e homens por composição dos filhos. Inicialmente, a análise é feita para três intervalos de anos, 1992 a 1999, 2001 a 2004 e 2005 a 2008⁷, com vistas a captar os movimentos temporais das variáveis. Em seguida, a fim de caracterizar as diferenças entre as composições familiares, são utilizados os valores médios das variáveis de atributos pessoais das mulheres e dos homens para o período como um todo.

Com relação à estrutura familiar, a tabela 2 mostra que o número de famílias sem filhos cresceu aproximadamente 3,7 pontos percentuais (p.p) entre os períodos de 92/99 e 05/08. As famílias com filhos, por sua vez, tiveram redução no número médio de filhos, passando de 2,1 em 92/99, para 1,87 em 01/04, alcançando, por fim, 1,75 em 05/08. Logo, o número médio de filhos caiu 17,4% comparando os intervalos de 05/08 e 92/99.

Ao classificar as famílias com filhos segundo sua composição, pode-se observar que ter apenas filhos numa das três faixas etárias, por exemplo, 0 a 5 anos, corresponde à situação de mais de 55% das famílias entre 1992 e 2008. Ter filhos em duas faixas próximas, o que podemos chamar popularmente de um efeito “escadinha”, também tem um peso importante para as famílias, estando próximo de 30%. Entretanto, possuir um filho pequeno e outro no grupo mais velho, assim como no mínimo um filho em cada uma das três faixas, ocorrem numa frequência bem menor, próxima a 5,5% e 6,5%, respectivamente. Esta última composição ainda apresenta uma tendência de queda acentuada ao se comparar as médias dos intervalos de tempo.

⁷ Esses três intervalos foram escolhidos visando agrupar períodos com características semelhantes do ponto de vista da estrutura familiar.

Tabela 2: Características da composição e estrutura familiar das mulheres entre 1992 e 2008

Variáveis	92/99	00/04	05/08	Varição 05/08 e 92/99
Características da Estrutura Familiar				
Famílias sem filhos (%)	11,2	13,1	14,8	3,7
Famílias com filhos (%)	88,8	86,9	85,2	-3,7
Número médio de filhos	2,12	1,87	1,75	-17,4
Entre 0 e 5 anos	0,69	0,58	0,51	-26,5
Entre 6 e 10 anos	0,60	0,52	0,49	-18,0
Com 11 anos ou mais	0,83	0,77	0,75	-9,4
Características da Composição Familiar (%)				
Entre as famílias com filhos:				
Ter apenas filhos de 0 a 5 anos	26,9	25,3	23,5	-3,4
Ter apenas filhos de 6 a 10 anos	9,1	10,9	11,7	2,7
Ter apenas filhos com 11 anos ou mais	18,6	23,3	25,5	6,9
Ter ao menos um filho de 0 a 5 anos e outro de 6 a 10 anos	15,6	14,0	12,9	-2,6
Ter ao menos um filho de 0 a 5 anos e outro de 11 anos ou mais	5,1	5,4	5,9	0,8
Ter ao menos um filho de 6 a 10 anos e outro de 11 anos ou mais	16,3	15,2	15,2	-1,2
Ter ao menos um filho de 0 a 5 anos, outro de 6 a 10 anos e outro de 11 anos ou mais	8,3	6,0	5,3	-3,1
Gênero dos filhos com 11 anos ou mais:				
Todos serem do sexo masculino	35,1	37,4	38,7	3,6
Algun ser do sexo masculino	35,8	31,5	29,2	-6,6
Todos serem do sexo feminino	29,1	31,1	32,1	3,0
Afazeres Domésticos dos filhos com 11 anos ou mais:				
Todos exercendo tarefas domésticas	51,7	47,8	52,8	1,1
Algun exercendo tarefas domésticas	23,6	21,6	19,6	-4,0
Nenhum exercendo tarefas domésticas	24,6	30,6	27,6	3,0

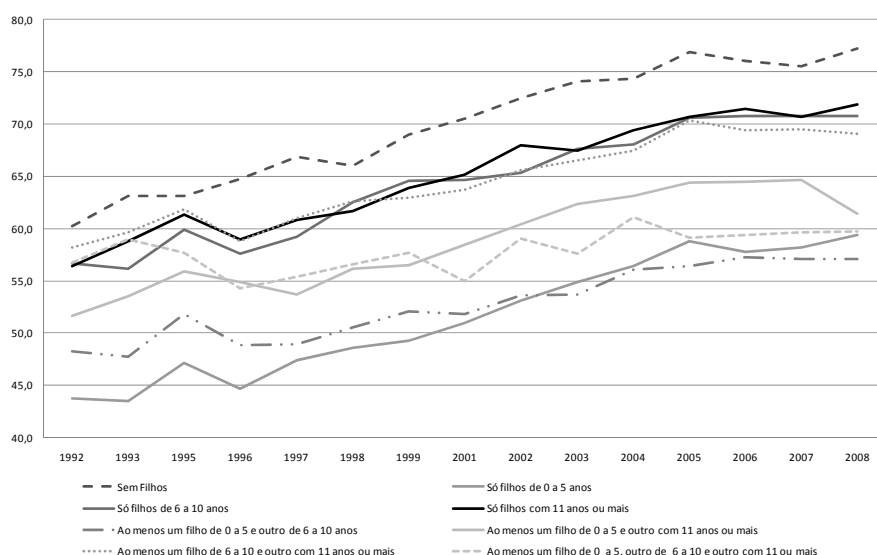
Fonte: elaboração própria a partir dos dados da PNAD entre 1992 e 2008.

A tabela 2 também mostra alguns fatos importantes para cada faixa etária. As desagregações segundo gênero e realização de tarefas domésticas⁸ foram feitas para os filhos mais velhos, com 11 anos ou mais. A separação ocorreu de forma a agrupar aquelas famílias nas quais todos os filhos têm uma determinada característica, depois aquelas com algum filho com tal característica e, por último, as famílias nas quais nenhum dos filhos possui tal característica. Assim, dois fatos chamam atenção: famílias com todos os jovens e adolescentes exercendo afazeres domésticos superam os 50% e a maior parte das famílias possuem apenas filhos do sexo masculino.

O gráfico 2 ilustra a associação entre a composição dos filhos na família e a participação das mulheres entre 15 e 45 anos ao longo do tempo. Como esperado, nota-se que a presença de crianças em idade pré-escolar está vinculada com uma menor participação das mulheres. A existência de filhos com 0 a 5 anos, independentemente da presença de filhos nas demais faixas, faz com que a taxa de atividade das mulheres seja representada pelas quatro curvas mais baixas do gráfico. A taxa de participação destes grupos está praticamente abaixo de 60% em todos os anos analisados.

⁸ Entendeu-se por afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; ou limpar o quintal ou terreno que circunda a residência.

Gráfico 2: Taxa de participação das mulheres entre 15 e 45 anos por composição dos filhos



Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992 a 2008.

A ausência de filhos mostra-se como um fator positivo e importante na entrada da mulher para o mercado de trabalho. A taxa de atividade desse grupo permanece crescente ao longo de todo período, variando quase 17% entre 1992 e 2008, e acima de todas as outras taxas, como descreve a tabela 3.⁹

Adicionalmente, a partir da tabela 3 é possível visualizar, entre 1992 e 2008, como as taxas de atividade das mulheres com filhos de apenas 6 a 10 anos ou maiores acompanharam o crescimento da taxa de participação das mulheres sem filhos. Todavia, se avaliarmos as diferenças entre as composições com filhos pequenos e a sem filhos há um forte aumento da distância entre as taxas de participação dessas mulheres, com exceção daquelas com apenas filhos de 0 a 5 anos, cujo aumento em 15 anos foi suave. Tais trajetórias motivam a investigação de quais os possíveis motivos que levaram a participação desses grupos de mulheres a ser afetada de formas tão distintas.

Tabela 3: Taxa de participação das mulheres entre 15 e 45 anos por composição dos filhos

Família	Taxa de participação em 1992	Taxa de participação em 2008	Varição da taxa entre 1992 e 2008	Varição frente a sem filhos em 1992	Varição frente a sem filhos em 2008
Sem Filhos	60,3	77,2	16,9	-	-
Só filhos de 0 a 5 anos	43,7	59,4	15,7	-16,5	-17,8
Só filhos de 6 a 10 anos	56,7	70,8	14,1	-3,6	-6,4
Só filhos com 11 anos ou mais	56,4	71,9	15,5	-3,9	-5,3
Ao menos um filho de 0 a 5 e outro de 6 a 10 anos	48,2	57,1	8,9	-12,0	-20,1
Ao menos um filho de 0 a 5 e outro com 11 anos ou mais	51,6	61,4	9,8	-8,6	-15,8
Ao menos um filho de 6 a 10 e outro com 11 anos ou mais	58,2	69,0	10,8	-2,0	-8,1
Ao menos um filho de 0 a 5, outro de 6 a 10 e outro com 11 ou mais	56,7	59,7	3,0	-3,5	-17,5

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992 a 2008.

Por fim, a tabela 4 apresenta as características específicas das mulheres e dos homens por composição dos filhos na família, através de valores médios das variáveis no período de abrangência do estudo¹⁰. A ideia aqui é mostrar como as informações observadas desses agentes variam e se diferenciam dependendo da composição dos filhos na família. Nota-se que há uma relação positiva entre a idade das mulheres e dos homens e a presença de filhos mais velhos, acima de 10 anos, principalmente para as famílias que apresentam apenas filhos nesta faixa. Da mesma forma, ter filhos pequenos está associado, na média, a casais mais jovens. As famílias sem filhos, todavia, estão numa faixa de idade acima daquelas

⁹ O crescimento da participação das mulheres sem filhos entre 1992 e 2008 foi de 16,9%, o maior entre todas as composições das famílias.

¹⁰ As médias para os três intervalos de tempo, 92/99, 01/04 e 05/08, estão disponíveis no anexo.

exclusivamente com filhos entre 0 e 5 anos, porém abaixo dos demais grupos. Isso pode estar apontando para as diferenças na estrutura desse grupo, que deve ser composto tanto por casais mais novos que ainda irão ter filhos, como por casais não tão jovens que já optaram pela sua ausência.

Tabela 4: Atributos pessoais das mulheres e dos homens por composição dos filhos

Variáveis	Sem filhos	Só filhos de 0 a 5 anos	Só filhos de 6 a 10 anos	Só filhos com 11 anos ou mais	Filhos de 0 a 5 e de 6 a 10 anos	Filhos de 0 a 5 e com 11 anos ou mais	Filhos de 6 a 10 e com 11 anos ou mais	Filhos de 0 a 5, 6 a 10 e com 11 anos ou mais
Características das Mulheres								
Idade Média	28,9	26,1	32,2	39,5	29,7	35,6	36,7	34,8
Entre 15 e 19 anos (%)	11,2	9,7	0,2	0,1	0,3	0,2	0,0	0,1
Entre 20 e 24 anos (%)	23,9	34,8	5,4	0,2	11,4	1,6	0,2	0,9
Entre 25 e 29 anos (%)	23,7	29,9	30,0	1,5	41,8	8,0	5,0	12,4
Entre 30 e 39 anos (%)	26,6	23,1	52,5	42,3	42,9	67,1	65,4	68,5
Entre 40 e 45 anos (%)	14,7	2,5	11,9	55,9	3,6	23,1	29,3	18,1
Educação Média (em anos)	8,6	7,6	7,6	6,8	6,4	6,5	6,2	4,2
Com no máximo o ensino fundamental incompleto (%)	36,4	47,1	46,9	55,4	59,9	59,1	61,7	80,1
Entre o ensino fundamental completo e o médio incompleto (%)	17,3	19,5	18,5	16,4	16,3	16,9	15,1	10,3
Entre o ensino médio completo e o superior incompleto (%)	33,7	26,1	27,0	21,0	18,6	19,1	17,6	7,9
Com no mínimo o superior completo (%)	12,6	7,3	7,6	7,2	5,1	5,0	5,6	1,6
Já trabalharam(%)	87,8	80,9	86,4	85,2	81,6	84,7	84,8	82,0
Branças (%)	59,1	55,0	58,7	59,8	51,3	59,0	54,5	41,8
Chefes de domicílio (%)	6,2	3,3	4,8	5,7	3,4	5,6	4,3	3,7
Ocupadas (%)	63,7	44,8	59,1	61,9	47,1	54,5	60,0	53,3
Desocupadas (%)	7,4	6,7	6,1	4,2	5,6	4,8	4,5	4,4
Aposentadas ou pensionistas (%)	1,4	0,5	1,1	2,4	0,8	2,1	1,8	1,6
Pensão por outras fontes (%)	0,4	0,5	1,1	0,8	1,0	1,6	1,0	1,2
Características dos Homens								
Educação Média	8,0	7,1	7,2	6,5	6,1	6,2	5,9	4,0
Idade Média	33,3	30,4	36,2	44,1	34,0	39,9	41,0	39,7
Ocupados (%)	92,9	94,7	93,9	91,0	94,8	92,8	92,9	93,3
Desocupados (%)	3,3	3,3	3,2	2,9	3,1	3,4	3,1	3,3
Já trabalharam(%)	99,5	99,8	99,8	99,7	99,8	99,6	99,6	99,6
Aposentados (%)	3,6	1,3	2,7	8,2	1,6	4,4	4,6	3,5

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992 a 2008.

O nível de escolaridade também tem um papel importante na diferenciação entre as famílias. As mulheres sem filhos são aquelas com maior número de anos de estudo completos e seus cônjuges acompanham essa tendência. Casais com filhos em apenas uma das faixas apresentam escolaridade maior que aqueles com combinação de filhos em várias faixas, e a direção do aumento da educação está a favor daqueles com filhos menores. Cabe destacar que as famílias com ao menos um filho de 0 a 5 anos, outro de 6 a 10 e outro acima de 11 anos são as de menor nível de instrução¹¹, e com isso sua diferença em anos de estudo para o grupo mais educado encontra-se por volta de 50%.

Ao focar as mulheres, constata-se que a maior parte delas alguma vez já possuiu um trabalho, porcentagem que está acima de 80% em todos os grupos. As mulheres sem filhos são as que mais participaram ou participam, vide-se a porcentagem de ocupadas e desocupadas, e as com algum filho de 0 a 5 anos as que menos participaram ou participam. No que diz respeito à raça, os grupos são bem semelhantes, ou seja mais de 55% das famílias são compostas por mulheres brancas, exceto as com filhos de 0 a 5 e outro de 6 a 10 anos, e as com filhos nas três faixas, cujas porcentagens de brancas são de respectivamente 51,3% e 41,8%. As aposentadas ou pensionistas por instituto de previdência ou diretamente pelo governo federal, assim como pensionistas por outras fontes de recebimento¹² tem pequena participação, não atingindo 2,5% das mulheres na amostra.

¹¹ As mulheres têm, na média, 4,2 anos de estudo e os homens 4,0.

¹² Fontes de outros tipos de pensão são: pensão de caixa de assistência social, entidade seguradora ou fundo de pensão, na qualidade de beneficiária de outra pessoa, e de pensão alimentícia (espontânea ou judicial);

Logo, esta seção possibilitou descrever o perfil das mulheres e de seus cônjuges referentes a cada tipo de composição familiar, assim como a evolução temporal destas características e da taxa de participação de cada grupo.

4. ABORDAGEM ECONOMETRICA

Muitos modelos econômicos de oferta de trabalho partem da fundamentação teoria neoclássica do modelo de alocação de tempo individual ou domiciliar. Nestes modelos, o tempo individual ou domiciliar disponível é alocado entre o tempo dedicado ao mercado de trabalho e o tempo não dedicado ao trabalho, categoria que compreende o lazer, o trabalho domiciliar, entre outros. Como a família, e principalmente os filhos, consomem parte do tempo alocado no domicílio, espera-se que haja um impacto direto e negativo desta estrutura sobre a oferta de trabalho. Em especial, tais encargos acabam por impactar majoritariamente as mulheres dado seu papel de provedora dos cuidados do lar.

É importante ressaltar que o impacto dos filhos¹³ sobre a oferta de trabalho feminina é dado tanto pela dedicação direta de tempo na educação e nos cuidados, quanto através de recursos monetários demandados para a subsistência e criação. O tempo dedicado aos filhos é afetado diretamente pelo custo de oportunidade do tempo da mãe, que se manifesta através do seu salário de reserva. Já o componente financeiro sofre influencia do preço dos cuidados as crianças, como creches, babás, entre outros. Logo, quanto maior o número total de filhos maior efeito sobre ambos os componentes, e quanto mais novos forem os filhos maior será a demanda por cuidados da mãe.

Como foi visto muitos estudos que incorporam a estrutura familiar nos modelos de oferta de trabalho feminina encontram uma correlação negativa entre ter filhos e a oferta de trabalho das mães. No entanto, é preciso estar atento nas interpretações dessas correlações na medida em que se questiona a direção de causalidade entre essas variáveis já que ter filhos e trabalhar podem constituir decisões tomadas simultaneamente. Dessa forma, a utilização de variáveis ligadas a fecundidade em geral como variável independente podem gerar um problema de endogeneidade no modelo, levando a estimativas viesadas. Os resultados encontrados através de métodos convencionais apenas permitem estimar a associação entre tais variáveis.

A partir desse contexto, será realizada uma análise da decisão feminina de participar ou não do mercado de trabalho através da estimação da probabilidade de a mulher estar ocupada ou desocupada.

4.1 O modelo:

Suponha que o salário de reserva, w_i , de cada mulher casada tenha a seguinte estrutura: $w_i = f(X_i, Z_i, Q_i) + e_i$. Ou seja, é uma função de um vetor de atributos pessoais de i , X_i , de um vetor de características da estrutura e composição familiar de i , Z_i , e de um vetor de atributos pessoais do companheiro da mulher i , Q_i , sendo e_i um termo aleatório com distribuição $N : (0, \sigma^2)$.

O salário de reserva corresponde ao menor salário de mercado que faz com que a mulher ingresse na força de trabalho. Dessa forma, seja w_i^M o salário oferecido pelo mercado para cada trabalhadora. Se $w_i^M \geq w_i$ a mulher entrará na força de trabalho e se $w_i^M < w_i$ ela irá se abster da experiência laboral.

O salário de reserva individual, todavia, é uma variável não observada pelo pesquisador. O que se observa é a decisão de participar ou não da PEA, ou seja, a avaliação pessoal da relação entre w_i^M e w_i . Com isso, pode-se considerar o modelo acima sob o ponto de vista de uma variável latente, onde a variável dependente observada, Y , recebe o valor 1 caso a mulher se encontre na força de trabalho, e 0 caso ela esteja inativa. Logo, um modelo apropriado para a participação da mulher na PEA é um probit, pois Y é dicotômica. Sua forma funcional na estimativa destes parâmetros é: $P(Y = 1 | X, Q, Z) = G(\alpha + \beta X + \lambda Q + \delta Z) = G(w)$

Onde G é a função de distribuição acumulada da normal padrão, ou seja:

¹³ Ver Nakamura e Nakamura (1992) e Rios-Neto (1996)

$$G(w) = \phi(w) \equiv \int_{-\infty}^w \phi(v)dv, \text{ e } \phi(w) = (2\Pi)^{-1/2} \exp(-w^2 / 2)$$

que está estritamente entre 0 e 1 para todos os valores dos parâmetros e das variáveis explicativas e, resulta da estimação da equação do salário de reserva.

As estimações dos parâmetros $\alpha, \beta, \lambda, \delta$ são feitas por máxima verossimilhança e indicam o impacto sobre a variável latente e não sobre a probabilidade. O impacto sobre a probabilidade também denominado efeito marginal, é obtido através da derivada parcial da variável latente em relação à variável em foco, avaliada no valor médio das demais variáveis independentes.

Em todas as especificações, as variáveis de controle X e Q são mantidas. As diferenças entre as especificações estão no conjunto de variáveis que caracterizam a estrutura e composição da família, Z.

Entre os controles, constam para as mulheres variáveis dummies para os intervalos de idade e de escolaridade, para a presença de aposentadoria ou pensão, para a posição no domicílio (se chefe de domicílio) e para a cor (se for branca). Para os homens, são usadas variáveis contínuas para idade, educação e experiência, e variáveis categóricas que indicam se recebe ou não aposentadoria e sobre sua situação no mercado de trabalho (ocupado, desocupado ou inativo).

A exposição que se segue apresenta os dois tipos de especificações básicas e os dois tipos complementares que são utilizados para Z:

4.1.1 Especificação 1:

O primeiro modelo utiliza as seguintes variáveis binárias que indicam a presença de filhos em uma determinada faixa etária¹⁴:

Especificação 1	
$P(Y = 1) = G(\beta + \alpha X + \lambda Q + \delta_1 \text{filhos}_{0_5} + \delta_2 \text{filhos}_{6_10} + \delta_3 \text{filhos}_{11 \text{ mais}})$	
Onde as variáveis assumem os valores:	
<i>filhos0_5</i>	igual a 1 se a família possui filhos entre 0 e 5 anos; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10</i>	igual a 1 se a família possui filhos entre 6 e 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>filhos11mais</i>	igual a 1 se a família possui filhos com 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;

4.1.2 Especificação 2:

O segundo modelo adota variáveis binárias que procura captar mais precisamente a composição dos filhos e sua ausência (grupo de referência) em cada família, com a seguinte construção:

Especificação 2	
$P(Y = 1) = G(\beta + \alpha X + \lambda Q + \delta_1 \text{sofilhos}_{0_5} + \delta_2 \text{sofilhos}_{6_10} + \delta_3 \text{sofilhos}_{11 \text{ mais}} + \delta_4 \text{filhos}_{0_5 \text{ e } 6_10} + \delta_5 \text{filhos}_{0_5 \text{ e } 11 \text{ mais}} + \delta_6 \text{filhos}_{6_10 \text{ e } 11 \text{ mais}} + \delta_7 \text{filhos}_{3 \text{ faixas}})$	
Onde as variáveis assumem os valores:	
<i>sofilhos0_5</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 0 e 5 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos6_10</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 6 e 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos11mais</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos com 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5 e 6_10</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5 e 11mais</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10 e 11mais</i>	igual a 1 se existem filhos entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;
<i>filhos3faixas</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 a 5 anos, outro(s) entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;

Nesse modelo, as famílias se encaixam apenas em um grupo, por isso as dummies apresentam um caráter excludente.

4.1.3 Especificação 3:

O terceiro modelo segue a estrutura do modelo anterior, porém abre a categoria de filhos com 11 anos ou mais por gênero quando houver pelo menos um filho mais novo, de 0 a 5 ou de 6 a 10 anos. A ideia é investigar se existe relação entre ter filhos mais velhos de determinado gênero e a presença de

¹⁴ Cabe ressaltar a possibilidade de a família possuir filhos em mais de um grupo.

filhos pequenos, na medida em que se acredita que a presença de irmãs mais velhas pode ter um papel substituto da mãe no domicílio, independentemente do número de irmãos mais velhos do sexo masculino.

Especificação 3

$$P(Y = 1) = G(\beta + \alpha X + \lambda Q + \delta_1 \text{sofilhos0_5} + \delta_2 \text{sofilhos6_10} + \delta_3 \text{sofilhos11mais} + \delta_4 \text{filhos0_5e6_10} + \delta_5 \text{filhos0_5e11mais_h} + \delta_6 \text{filhos0_5e11mais_m} + \delta_7 \text{filhos6_10e11mais_h} + \delta_8 \text{filhos6_10e11mais_m} + \delta_9 \text{filhos3faixas_h} + \delta_{10} \text{filhos3faixas_h})$$

Onde as variáveis assumem os valores:

<i>sofilhos0_5</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 0 e 5 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos6_10</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 6 e 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos11mais</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos com 11 anos ou mais; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e6_10</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e11mais_h</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo este(s) últimos apenas do sexo masculino; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e11mais_m</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo algum deste(s) últimos do sexo feminino; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10e11mais_h</i>	igual a 1 se existem filhos entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo este(s) últimos apenas do sexo masculino; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10e11mais_m</i>	igual a 1 se existem filhos entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo algum deste(s) últimos do sexo feminino; e 0 caso contrário;
<i>filhos3faixas_h</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 a 5 anos, outro(s) entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo este(s) últimos apenas do sexo masculino; e 0 caso contrário;
<i>filhos3faixas_m</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 a 5 anos, outro(s) entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, sendo algum deste(s) últimos do sexo feminino; e 0 caso contrário;

4.1.4 Especificação 4:

Essa especificação segue o padrão do segundo modelo, entretanto divide a categoria de filhos com 11 anos ou mais entre aqueles que exercem ou não afazeres domésticos. Logo,

Especificação 4

$$P(Y = 1) = G(\beta + \alpha X + \lambda Q + \delta_1 \text{sofilhos0_5} + \delta_2 \text{sofilhos6_10} + \delta_3 \text{sofilhos11mais_ativdom} + \delta_4 \text{sofilhos11mais_nativdom} + \delta_5 \text{filhos0_5e6_10} + \delta_6 \text{filhos0_5e11mais_ativdom} + \delta_7 \text{filhos0_5e11mais_nativdom} + \delta_8 \text{filhos6_10e11mais_ativdom} + \delta_9 \text{filhos6_10e11mais_nativdom} + \delta_{10} \text{filhos3faixas_ativdom} + \delta_{11} \text{filhos3faixas_nativdom})$$

Onde as variáveis assumem os valores:

<i>sofilhos0_5</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 0 e 5 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos6_10</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos entre 6 e 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos11mais_ativdom</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos com 11 anos ou mais e algum executa trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>sofilhos11mais_nativdom</i>	igual a 1 se a família apenas possui filhos com 11 anos ou mais e nenhum executa trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e6_10</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e11mais_ativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde algum executa trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos0_5e11mais_nativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 e 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde todos não executam trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10e11mais_ativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde algum executa trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos6_10e11mais_nativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde todos não executam trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos3faixas_ativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 a 5 anos, outro(s) entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde algum executa trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;
<i>filhos3faixas_nativdom</i>	igual a 1 se existem filhos entre 0 a 5 anos, outro(s) entre 6 e 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais, onde todos não executam trabalhos domésticos; e 0 caso contrário;

5.RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados para as estimações da probabilidade de as mulheres estarem economicamente ativas de acordo com as quatro especificações descritas na metodologia. Tendo em vista facilitar a compreensão, reportam-se no corpo do texto apenas os resultados para 6 dos 15 anos

abrangidos pelas PNAD da década de 90 e dos anos 2000. São eles: 1992, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2008¹⁵.

5.1 Modelos básicos

A tabela 5 mostra os resultados estimados para o modelo mais geral, a especificação 1. Neste, a composição familiar é representada pelas três primeiras variáveis e a referência é o grupo de mulheres sem filhos. Tal escolha foi feita na medida em que mulheres sem filhos são aquelas com maior participação no mercado de trabalho. Os controles dos atributos pessoais são mostrados logo em seguida. Como as estimações são feitas por Probit, os resultados expostos são os efeitos marginais¹⁶ e, entre parênteses, os respectivos erros padrão robustos.

Nota-se que a presença de filhos com idade entre 0 e 5 anos na família está associada a uma menor participação feminina em todos os anos. Esta redução varia entre 10 e 14 p.p. e é sempre significativa ao nível de 1%. Além disso, é possível observar um acréscimo dos efeitos em termos absolutos, indicando uma tendência de aumento da relação entre ter filhos em idade pré-escolar e da probabilidade de não estar participando.

A presença de filhos na faixa etária de 6 a 10 anos também está relacionada a uma menor proximidade da mulher com a força de trabalho durante todo o período de abrangência. Até a primeira metade da década de 90, os efeitos marginais para crianças nesta faixa são negativos e não significativos. Posteriormente, tornam-se significativos, porém aquém dos efeitos encontrados para filhos entre 0 e 5 anos. Logo, os efeitos marginais para essa variável que indica a existência de filhos entre 6 e 10 anos varia em torno de 1 e 4 p.p., ou seja, uma magnitude muito inferior aos efeitos da presença de filhos em idade pré-escolar.

Todavia, constata-se que ter filhos com 11 anos ou mais está positivamente associado com a probabilidade de participação feminina no mercado de trabalho. Durante os anos 90, exceto em 1999, tais efeitos variaram entre 1,7 e 5,5 p.p., sendo altamente significativos. Subsequentemente, no início dos anos 2000, essa variável deixou de ser significativa.

Com relação às demais variáveis de controle da especificação 1, mulheres com idade entre 30 e 39 anos foram as de maior participação na PEA, em seguida encontram-se aquelas com idade entre 40 e 45 anos. Tal fato pode estar ligado a questões relativas ao ciclo reprodutivo feminino. Ademais, mulheres brancas tendem a participar menos, assim como aquelas que recebem algum tipo de aposentadoria ou pensão advinda de instituto de previdência. Mulheres na condição de chefe de domicílio, entretanto, têm uma maior participação. Para todas estas variáveis, os efeitos foram sempre significativos nos anos reportados. Cabe ainda destacar que o recebimento de outras fontes de pensão, como por exemplo, pensão alimentícia, não foi significativo ao longo dos anos.

Como esperado, quanto mais elevado o nível educacional maior é a probabilidade de a mulher estar na PEA, principalmente se ela possuir escolaridade igual ou acima do ensino superior completo. Isso está de acordo com o elevado custo de oportunidade de não participar da força de trabalho daquelas mulheres com alta escolaridade. No entanto, chama atenção o fato de que, para as duas faixas educacionais mais altas - de 11 anos ao superior incompleto e maior ou igual ao superior completo - os efeitos foram perdendo a intensidade com o passar dos anos. Em 1992, estes grupos apresentavam uma probabilidade de participar maior que o grupo de referência (com menos de 8 anos de estudo) em 22,4 e 40,2 p.p., respectivamente. Em 2008, tais efeitos se reduziram para 13,3 e 26,5 p.p.

As variáveis usadas como *proxy* para os rendimentos do trabalho dos homens, experiência e educação, também apresentaram efeitos negativos e sempre significativos sobre a participação feminina. Tais resultados estão de acordo com a ideia de que o rendimento do cônjuge está associado a uma menor participação de sua esposa. O efeito da experiência teve pouca variação nos 15 anos analisados, enquanto o efeito da escolaridade exibiu uma tendência de redução de magnitude neste mesmo período de tempo.

¹⁵ A escolha dos anos a serem reportados foi feita de forma a incluir o ano inicial e final da análise, e depois tentar manter um intervalo fixo de anos. No entanto, os resultados para todos os anos estão disponíveis com a autora.

¹⁶ As tabelas com os coeficientes estão disponíveis com a autora.

Adicionalmente, homens inativos ou aposentados tendem a reduzir a probabilidade da mulher estar na PEA, porém, o fato de estar desocupado eleva a participação feminina.

Tabela 5: Resultados da especificação 1 – efeitos marginais.

Variáveis	1992	1995	1999	2002	2005	2008
	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA
Referência sem filhos						
Presença de filhos de 0 a 5 anos	-0.110*** (0,007)	-0.103*** (0,006)	-0.127*** (0,006)	-0.130*** (0,006)	-0.136*** (0,006)	-0.140*** (0,006)
Presença de filhos de 6 a 10 anos	0,00 (0,007)	-0,01 (0,006)	-0.024*** (0,006)	-0.037*** (0,006)	-0.035*** (0,006)	-0.036*** (0,006)
Presença de filhos com 11 anos ou mais	0.041*** (0,008)	0.027*** (0,008)	0,002 (0,008)	0.020*** (0,007)	0,009 (0,007)	0,002 (0,007)
Idade da mulher de 20 a 24 anos	0.113*** (0,016)	0.125*** (0,015)	0.140*** (0,014)	0.125*** (0,013)	0.132*** (0,012)	0.142*** (0,012)
Idade da mulher de 25 a 29 anos	0.173*** (0,016)	0.182*** (0,015)	0.199*** (0,013)	0.198*** (0,013)	0.187*** (0,011)	0.189*** (0,012)
Idade da mulher de 30 a 39 anos	0.209*** (0,017)	0.236*** (0,016)	0.249*** (0,015)	0.241*** (0,015)	0.224*** (0,014)	0.240*** (0,014)
Idade da mulher de 40 a 45 anos	0.195*** (0,018)	0.222*** (0,016)	0.220*** (0,015)	0.200*** (0,014)	0.183*** (0,013)	0.200*** (0,014)
Escolaridade entre 8 e 10 anos	0.066*** (0,009)	0.058*** (0,009)	0.063*** (0,008)	0.063*** (0,007)	0.060*** (0,007)	0.049*** (0,007)
Escolaridade entre 11 anos e superior incompleto	0.224*** (0,009)	0.200*** (0,008)	0.183*** (0,008)	0.183*** (0,007)	0.155*** (0,006)	0.133*** (0,007)
Escolaridade maior ou igual ao superior completo	0.402*** (0,008)	0.379*** (0,007)	0.338*** (0,008)	0.329*** (0,006)	0.293*** (0,006)	0.265*** (0,006)
Mulher é branca	-0.027*** (0,007)	-0.018*** (0,007)	-0.011* (0,006)	-0.033*** (0,006)	-0.013** (0,006)	-0.021*** (0,006)
Mulher é chefe de domicílio	0.176*** (0,028)	0.183*** (0,030)	0.163*** (0,015)	0.142*** (0,011)	0.095*** (0,010)	0.032*** (0,007)
Mulher é aposentada ou pensionista (instituto)	-0.162*** (0,027)	-0.114*** (0,026)	-0.144*** (0,025)	-0.213*** (0,022)	-0.244*** (0,024)	-0.230*** (0,027)
Mulher é recebe outro tipo de pensão	-0,04 (0,056)	0,03 (0,047)	0,027 (0,033)	-0,002 (0,027)	0,03 (0,022)	0,024 (0,021)
Experiência do homem	-0.003*** (0,000)	-0.003*** (0,000)	-0.002*** (0,000)	-0.003*** (0,000)	-0.002*** (0,000)	-0.003*** (0,000)
Escolaridade do homem	-0.014*** (0,001)	-0.010*** (0,001)	-0.008*** (0,001)	-0.009*** (0,001)	-0.007*** (0,001)	-0.004*** (0,001)
Homem é inativo	-0,03 (0,020)	0,00 (0,020)	-0,025 (0,018)	-0.059*** (0,016)	-0.055*** (0,016)	-0.041*** (0,015)
Homem é desocupado	0.114*** (0,017)	0.078*** (0,017)	0.100*** (0,014)	0.086*** (0,013)	0.082*** (0,013)	0.042*** (0,016)
Homem é aposentado	-0.048** (0,020)	-0.048** (0,019)	-0.056*** (0,017)	-0.061*** (0,016)	-0.064*** (0,017)	-0.038** (0,018)
Observações	35576	37747	39557	43127	44520	42153

Erros padrão robustos em parênteses

*** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2008.

A tabela 6 reporta os resultados do modelo 2, onde cada mulher foi classificada em uma categoria específica dada sua composição familiar. A idéia aqui é observar se os efeitos sobre a participação feminina diferem de acordo com o arranjo de filhos presentes na família, mesmo controlando por atributos pessoais da mulher e de seu cônjuge.

É possível visualizar a relação negativa entre ter filhos em qualquer faixa etária, independentemente de suas combinações, e a probabilidade de a mulher estar ocupada ou desocupada. A intensidade de tais efeitos, no entanto, varia conforme a composição dos filhos, sendo negativa e mais forte para mulheres com filhos em idade pré-escolar. Logo, ter apenas filhos entre 0 e 5 anos está associado a uma probabilidade de participar entre 16 e 20 p.p. menor que o grupo de referência. Do mesmo modo, a presença de filhos pequenos, juntamente com filhos entre 6 e 10 anos ou com 11 anos ou mais, assim como ter ao menos um filho em cada uma dessas três faixas etárias, está relacionado a uma fraca proximidade da mulher com a PEA. Para estes três grupos, foram estimadas taxas de participação menores, respectivamente, entre 14 e 22 p.p., 9 e 18 p.p. e 8 e 18 p.p. em comparação com as mulheres sem filhos. Em todos esses casos, os efeitos reportados são significativos ao nível de 1%.¹⁷

¹⁷ Os coeficientes foram testados para saber se são estatisticamente iguais, os resultados dos testes encontram-se com a autora.

Um segundo ponto importante está relacionado à presença de filhos nas demais faixas de idade que não a de 0 a 5 anos. Ter na família somente crianças entre 6 e 10 anos ou com 11 anos ou mais, assim como em ambas as faixas, está correlacionado com uma baixa atividade feminina no mercado de trabalho. Os efeitos para estes grupos, contudo, têm uma magnitude bem inferior aqueles encontrados para as categorias com presença de filhos em idade pré-escolar, deixando de ser significativos em alguns anos. Tal fato pode estar sinalizando uma maior semelhança destas mulheres com aquelas que não possuem filhos.

Tabela 6: Resultados da especificação 2 – efeitos marginais.

	1992	1995	1999	2002	2005	2008
Variáveis	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA
Referência sem filhos						
Ter só filhos de 0 a 5 anos	-0.181*** (0,011)	-0.162*** (0,011)	-0.198*** (0,010)	-0.197*** (0,010)	-0.190*** (0,010)	-0.190*** (0,010)
Ter só filhos de 6 a 10 anos	-0.066*** (0,015)	-0.063*** (0,014)	-0.080*** (0,014)	-0.093*** (0,013)	-0.083*** (0,012)	-0.084*** (0,012)
Ter só filhos com 11 anos ou mais	-0.030** (0,014)	-0,02 (0,013)	-0.054*** (0,012)	-0.029** (0,011)	-0.045*** (0,011)	-0.034*** (0,010)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos	-0.164*** (0,012)	-0.142*** (0,012)	-0.199*** (0,012)	-0.211*** (0,011)	-0.221*** (0,011)	-0.213*** (0,012)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais	-0.105*** (0,018)	-0.098*** (0,017)	-0.151*** (0,016)	-0.139*** (0,016)	-0.137*** (0,015)	-0.175*** (0,015)
Ter filho(s) de 6 a 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais	-0.035** (0,014)	-0.033** (0,013)	-0.091*** (0,013)	-0.079*** (0,012)	-0.063*** (0,012)	-0.075*** (0,011)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos, outro(s) de 6 a 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais	-0.080*** (0,015)	-0.096*** (0,015)	-0.148*** (0,015)	-0.140*** (0,015)	-0.179*** (0,015)	-0.162*** (0,016)
Idade da mulher de 20 a 24 anos	0.126*** (0,016)	0.132*** (0,015)	0.148*** (0,014)	0.131*** (0,014)	0.139*** (0,012)	0.146*** (0,013)
Idade da mulher de 25 a 29 anos	0.187*** (0,016)	0.188*** (0,015)	0.203*** (0,014)	0.202*** (0,013)	0.193*** (0,011)	0.192*** (0,012)
Idade da mulher de 30 a 39 anos	0.221*** (0,017)	0.241*** (0,016)	0.252*** (0,015)	0.244*** (0,015)	0.230*** (0,014)	0.245*** (0,015)
Idade da mulher de 40 a 45 anos	0.211*** (0,018)	0.229*** (0,017)	0.226*** (0,016)	0.205*** (0,015)	0.192*** (0,013)	0.206*** (0,014)
Escolaridade entre 8 e 10 anos	0.065*** (0,009)	0.058*** (0,009)	0.063*** (0,008)	0.063*** (0,007)	0.061*** (0,007)	0.051*** (0,007)
Escolaridade entre 11 anos e superior incompleto	0.222*** (0,009)	0.199*** (0,008)	0.182*** (0,008)	0.182*** (0,007)	0.154*** (0,006)	0.134*** (0,007)
Escolaridade maior ou igual ao superior completo	0.400*** (0,009)	0.378*** (0,008)	0.338*** (0,008)	0.328*** (0,006)	0.292*** (0,006)	0.264*** (0,006)
Mulher é branca	-0.026*** (0,007)	-0.017*** (0,007)	-0,01 (0,006)	-0.032*** (0,006)	-0.012** (0,006)	-0.021*** (0,006)
Mulher é chefe de domicílio	0.176*** (0,028)	0.181*** (0,030)	0.161*** (0,015)	0.141*** (0,012)	0.095*** (0,010)	0.031*** (0,007)
Mulher é aposentada ou pensionista (instituto)	-0.166*** (0,027)	-0.115*** (0,026)	-0.147*** (0,025)	-0.215*** (0,022)	-0.247*** (0,024)	-0.232*** (0,027)
Mulher é recebe outro tipo de pensão	-0,05 (0,056)	0,03 (0,047)	0,025 (0,033)	-0,005 (0,027)	0,029 (0,022)	0,025 (0,021)
Experiência do homem	-0.003*** (0,000)	-0.003*** (0,000)	-0.002*** (0,000)	-0.003*** (0,000)	-0.002*** (0,000)	-0.003*** (0,000)
Escolaridade do homem	-0.014*** (0,001)	-0.010*** (0,001)	-0.008*** (0,001)	-0.009*** (0,001)	-0.007*** (0,001)	-0.004*** (0,001)
Homem é inativo	-0,03 (0,020)	0,00 (0,020)	-0,027 (0,018)	-0.061*** (0,016)	-0.056*** (0,016)	-0.042*** (0,015)
Homem é desocupado	0.114*** (0,017)	0.077*** (0,017)	0.099*** (0,014)	0.086*** (0,013)	0.081*** (0,013)	0.041*** (0,016)
Homem é aposentado	-0.049** (0,020)	-0.049** (0,019)	-0.054*** (0,017)	-0.060*** (0,016)	-0.064*** (0,017)	-0.039** (0,018)
Observações	35576	37747	39557	43127	44520	42153

Erros padrão robustos em parênteses

*** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2008.

As outras variáveis de controle, como pode ser visto na tabela 6, também exibiram efeitos muito similares aos encontrados para o modelo 1, dispensando detalhamentos adicionais. Resultados

semelhantes também ocorreram para os próximos modelos e com isso apenas serão apresentadas as variáveis específicas da composição familiar.

5.2. Diferenças por gênero e exercício de tarefas domésticas

O terceiro modelo busca identificar se a relação entre ter filhos com 11 anos ou mais e também filhos mais novos é diferente dependendo do gênero das crianças do primeiro grupo. Em especial, acredita-se que algumas meninas mais velhas tenham um papel substitutivo das mães no domicílio no que se refere aos cuidados dos irmãos menores. Para isso, foram utilizadas variáveis que indicam a presença de ao menos uma menina na família juntamente com filhos de faixas de idade menores, e em contrapartida, famílias com apenas filhos homens acima de 10 anos e irmão mais novos. Os resultados são mostrados na tabela 7 abaixo.

Tabela 7: Resultados da especificação 3 – efeitos marginais.

Variáveis	1992	1995	1999	2002	2005	2008
	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA
Referência sem filhos						
Ter só filhos de 0 a 5 anos	-0.181*** (0,011)	-0.162*** (0,011)	-0.198*** (0,010)	-0.197*** (0,010)	-0.190*** (0,010)	-0.190*** (0,010)
Ter só filhos de 6 a 10 anos	-0.065*** (0,015)	-0.063*** (0,014)	-0.080*** (0,014)	-0.093*** (0,013)	-0.083*** (0,012)	-0.084*** (0,012)
Ter só filhos com 11 anos ou mais	-0.028* (0,014)	-0,02 (0,013)	-0.053*** (0,012)	-0.028** (0,011)	-0.044*** (0,011)	-0.034*** (0,010)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos	-0.163*** (0,012)	-0.142*** (0,012)	-0.198*** (0,012)	-0.211*** (0,011)	-0.221*** (0,011)	-0.213*** (0,012)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e ao menos um outro de 11 anos ou mais do sexo feminino	-0.073*** (0,021)	-0.078*** (0,020)	-0.144*** (0,019)	-0.141*** (0,019)	-0.105*** (0,018)	-0.183*** (0,019)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) de 11 anos ou mais apenas do sexo masculino	-0.154*** (0,025)	-0.128*** (0,025)	-0.162*** (0,022)	-0.135*** (0,021)	-0.181*** (0,021)	-0.165*** (0,021)
Ter filho(s) de 6 a 10 anos e ao menos um outro de 11 anos ou mais do sexo feminino	-0,02 (0,015)	-0,02 (0,015)	-0.082*** (0,014)	-0.064*** (0,014)	-0.062*** (0,013)	-0.071*** (0,013)
Ter filho(s) de 6 a 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais apenas do sexo masculino	-0.056*** (0,017)	-0.048*** (0,016)	-0.103*** (0,016)	-0.101*** (0,015)	-0.065*** (0,014)	-0.081*** (0,015)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos, outro(s) de 6 a 10 anos e ao menos um outro(s) de 11 anos ou mais do sexo feminino	-0.051*** (0,017)	-0.083*** (0,017)	-0.119*** (0,018)	-0.115*** (0,018)	-0.154*** (0,018)	-0.146*** (0,019)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos, outro(s) de 6 a 10 anos e outro(s) de 11 anos ou mais apenas do sexo masculino	-0.128*** (0,019)	-0.117*** (0,020)	-0.194*** (0,020)	-0.175*** (0,021)	-0.216*** (0,021)	-0.187*** (0,022)
Observações	35576	37747	39557	43127	44520	42153
Erros padrão robustos em parênteses						
*** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1						

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2008.

Percebe-se que a combinação entre filhos mais novos e filhos mais velhos, sendo pelo menos um do sexo feminino, tem um impacto diferente sobre a participação da mulher se comparada com presença de apenas filhos homens acima de 10 anos com irmãos mais novos. Os efeitos destas variáveis, porém, exibem um comportamento distinto com relação a sua magnitude até a segunda metade dos anos 90, quando há então um movimento de intensificação dos valores dos efeitos, porém de convergência entre as categorias separadas por gêneros.

Sendo assim, mulheres com filhos de 0 a 5 anos e alguma filha com 11 anos ou mais apresentam uma probabilidade de estar na PEA em 8,1p.p e 5 p.p maior do que aquelas com filhos em idade pré escolar e somente filhos homens acima de 10 anos de idade nos anos de 1992 e 1995, respectivamente. Tal resultado é sempre significativo ao nível de 1% e seus coeficientes estatisticamente distintos¹⁸. As diferenças nos efeitos marginais por gênero, para esses mesmos anos, também ocorrem na interação com a faixa de filhos entre 6 e 10 anos. Entretanto, a partir de 1997 os dois grupos referidos acima passam a ter um comportamento estatisticamente equivalente e a magnitude dos efeitos sobre a participação

¹⁸ Testes de coeficientes encontram-se disponível com a autora.

feminina é intensificada. Cabe destacar que ao combinar as categorias de filhos com 11 anos ou mais separadas por gênero com ambas as faixas de filhos entre 0 e 5 e entre 6 e 10 anos, a importância das irmãs mulheres como um redutor de barreiras a participação de suas mães está presente durante todos os anos de análise¹⁹.

Esses resultados reforçam a hipótese de que algumas meninas jovens ou adolescentes assumem o papel das mães na família, principalmente com relação aos cuidados dos irmãos. Contudo, tal associação é mais forte para a década de 1990 e posteriormente acaba por perder força, com exceção do grupo de mulheres com filhos nas três faixas de idade. Essa mudança pode ter uma ligação com a expansão da oferta de creches tanto públicas quanto privadas.

Dando continuidade à análise de resultados, a tabela 8 apresenta os efeitos marginais resultantes da estimação do modelo 4. O foco deste modelo está na interação entre a presença de filhos com 11 anos ou mais e o exercício de tarefas domésticas. A ideia aqui é semelhante a do modelo anterior, na medida em que se procura averiguar se jovens e adolescentes, ao cumprirem tarefas domésticas, poderiam estar suprindo os afazeres das mães nos domicílios e com isso reduzindo algumas barreiras ao seu ingresso na força de trabalho.

Optou-se, então, por separar as mulheres com filhos mais velhos entre aquelas com algum dos filhos realizando atividades domésticas, e aquelas que não possuem filho(s) cumprindo tais afazeres. Cabe enfatizar quão amplo é o conceito de tarefas domésticas na PNAD, englobando não só funções de limpeza, arrumação e preparo de alimentos, como também orientação de trabalhadores domésticos e cuidados com os irmãos.

Assim, é possível notar que os resultados desse modelo se tornam similares aos do modelo 3 pelo fato de existirem efeitos diferenciados entre os grupos de filhos, que realizam afazeres domésticos e aqueles que não os fazem, ambos no sentido de reduzir a participação feminina, tendo o primeiro uma magnitude do efeito menor. Logo, para as composições familiares com apenas filhos com 11 anos ou mais tal que algum exerce atividades domésticas ou sua combinação com a faixa de filhos de 6 a 10 anos, a probabilidade de a mulher estar participando é muito próxima a das mulheres sem filhos. Para as demais combinações dessa categoria, o peso de ter filhos pequenos por si só faz com que haja uma probabilidade menor da mulher estar na PEA.

Também é possível visualizar uma tendência distinta dos efeitos para essas novas variáveis de composição familiar até o final dos anos de 1990. Nesta década, a intensidade de tais valores está num patamar diferente daqueles reportados para o período dos anos 2000. Todavia, ao contrário do que ocorre no modelo 3, os efeitos da presença de algum filho mais velho executando afazeres domésticos não se aproximam dos valores dos efeitos encontrados para quando não há filhos realizando tais atividades. As diferenças sobre a probabilidade feminina de participar do mercado de trabalho são mantidas ao longo do tempo, independentemente de terem mudado de nível.

Consequentemente existe uma associação forte entre atividade feminina no mercado de trabalho e a realização de afazeres domésticos por seus filhos mais velhos. Tal resultado condiz com a percepção de que a redução de barreiras dentro da família possibilite às mulheres fazer parte da força de trabalho.

¹⁹ Nessa composição familiar, conforme mostrado na parte descritiva do artigo, estão presentes os pais com o menor nível educacional, e isto pode estar refletindo uma condição social mais próxima a pobreza. Dessa forma, faz sentido as filhas mulheres terem uma maior importância como substitutas das mães dentro do domicílio em todo período.

Tabela 8: Resultados da especificação 4 – efeitos marginais.

Variáveis	1992	1995	1999	2002	2005	2008
	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA	PEA
Referência sem filhos						
Ter só filho(s) de 0 a 5 anos	-0.181*** (0,011)	-0.162*** (0,011)	-0.198*** (0,010)	-0.197*** (0,010)	-0.189*** (0,010)	-0.189*** (0,010)
Ter só filho(s) de 6 a 10 anos	-0.065*** (0,015)	-0.062*** (0,014)	-0.079*** (0,014)	-0.092*** (0,013)	-0.082*** (0,012)	-0.083*** (0,012)
Ter só filho(s) com 11 anos ou mais e algum exercendo atividades domésticas	-0,01 (0,015)	0,00 (0,014)	-0.032** (0,013)	-0,001 (0,012)	-0.019* (0,011)	-0,008 (0,011)
Ter só filho(s) com 11 anos ou mais e nenhum exerce atividades domésticas	-0.090*** (0,020)	-0.080*** (0,020)	-0.120*** (0,018)	-0.096*** (0,016)	-0.115*** (0,015)	-0.086*** (0,014)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) de 6 a 10 anos	-0.162*** (0,012)	-0.141*** (0,012)	-0.197*** (0,012)	-0.209*** (0,011)	-0.219*** (0,011)	-0.211*** (0,012)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) com 11 anos ou mais que exerça atividades domésticas	-0.060*** (0,021)	-0.087*** (0,019)	-0.125*** (0,018)	-0.121*** (0,018)	-0.113*** (0,017)	-0.160*** (0,018)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos e outro(s) com 11 anos ou mais sem exercer atividades domésticas	-0.192*** (0,027)	-0.121*** (0,030)	-0.219*** (0,026)	-0.168*** (0,024)	-0.188*** (0,024)	-0.196*** (0,022)
Ter filho(s) de 6 a 10 anos e outro(s) com 11 anos ou mais que exerça atividades domésticas	0,00 (0,015)	-0,01 (0,014)	-0.070*** (0,014)	-0.052*** (0,013)	-0.040*** (0,012)	-0.040*** (0,013)
Ter filho(s) de 6 a 10 anos e outro(s) com 11 anos ou mais sem exercer atividades domésticas	-0.103*** (0,018)	-0.083*** (0,019)	-0.146*** (0,018)	-0.132*** (0,017)	-0.110*** (0,017)	-0.138*** (0,016)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos, outro(s) de 6 a 10 anos e outro(s) com 11 anos ou mais que exerça atividades domésticas	-0.055*** (0,016)	-0.077*** (0,016)	-0.127*** (0,016)	-0.117*** (0,017)	-0.140*** (0,017)	-0.138*** (0,018)
Ter filho(s) de 0 a 5 anos, outro(s) de 6 a 10 anos e outro(s) com 11 anos ou mais sem exercer atividades domésticas	-0.139*** (0,022)	-0.154*** (0,025)	-0.217*** (0,026)	-0.193*** (0,025)	-0.282*** (0,025)	-0.209*** (0,025)
Observações	35576	37747	39557	43127	44520	42153

Erros padrão robustos em parênteses
 *** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Fonte: elaboração própria a partir da PNAD 1992, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2008.

6. CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi contribuir para a investigação sobre a oferta de trabalho feminina e seus determinantes, dando especial atenção ao contexto familiar no qual elas habitam. Foi analisado como a presença de filhos em diferentes faixas de idade ou a ausência deles interfere na probabilidade das mulheres casadas estarem na PEA. Destacaram-se ainda pontos importantes ligados aos filhos, como as diferenças de gênero e o cumprimento de tarefas domésticas.

A análise empírica se baseou em uma amostra de mulheres casadas com idade entre 15 e 45 anos, que possuíam ou não filhos, extraída a partir dos dados da PNAD entre 1992 e 2008. Com isso, estimou-se, através de modelos Probit, a probabilidade das mulheres pertencerem à força de trabalho com base em um conjunto de variáveis explicativas que englobaram tanto atributos pessoais das mulheres e de seus cônjuges, quanto características da estrutura de filhos.

As evidências indicam que existe uma relação negativa entre ter filhos com idade menor ou igual a 10 anos e a probabilidade da mulher estar na PEA, em todos os anos de abrangência. A intensidade do efeito, no entanto, varia conforme o arranjo dos filhos, ou seja, a presença de filhos em diversas faixas etárias, sendo mais negativa para as mulheres com crianças em idade pré-escolar. Nestas, a magnitude dos efeitos marginais fica em torno de 16 a 20 p.p. para menos quando comparada as mulheres sem filhos. Adicionalmente, mostra-se que a presença de filhos com 11 anos ou mais reduz o impacto negativo de ter filhos de 0 a 5 anos, porém esse efeito amortecedor do filho mais velho perde força ao longo dos anos.

Quanto às questões específicas, conclui-se que meninas jovens ou adolescentes, acima de 10 anos, tem um papel importante sobre a decisão de participação das mães, na medida em que muitas vezes substituem as responsabilidades maternas no domicílio, principalmente com relação aos cuidados dos irmãos. Contudo, tal associação é mais forte para a década de 90 e posteriormente acaba por perder força, com exceção do grupo de mulheres com filhos nas três faixas de idade.

Investigou-se também a relação entre ter algum filho com 11 ou mais exercendo afazeres domésticos e nenhum deles cumprindo tais atividades sobre oferta de trabalho das mulheres. Constatou-se que existem efeitos diferenciados entre os dois grupos, ambos no sentido de reduzir a participação feminina, porém o primeiro grupo apresenta um efeito de magnitude bem menor. Esses resultados corroboram a idéia de que a redução de barreiras por parte dos filhos, que substituem suas mães quanto aos afazeres domésticos, é um incentivo a participação.

Logo, o presente artigo contribuiu com a literatura de oferta de trabalho feminina, destacando a importância da estrutura familiar dos filhos e dos atributos das mulheres e de seus cônjuges para tal decisão. Ressaltou-se como ter filhos em idade pré-escolar, assim como precisar cumprir atividades domésticas são barreiras ao ingresso das mulheres na força de trabalho. Assim, é possível postular algumas sugestões de políticas públicas, como por exemplo, a ampliação da oferta de creches, que interfiram nesses pontos e possibilitem o maior acesso ao mercado de trabalho por parte das mulheres que assim o desejem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, R. e MENDONÇA, R. *Família e distribuição de renda: o impacto da participação das esposas no mercado de trabalho*. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 19, n. 3, 1989.
- BOWEN, W.G. & FINEGAN, T.A. *The economics of labor force participation*. New Jersey, Princeton University Press, 1969.
- COSTA, J.S.M. *Determinantes da Participação Feminina no mercado de trabalho Brasileiro*. 2007. 61f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós Graduação em Economia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- DURAND, J.D. *The labor force in economic development: a comparison of international census data 1946-1966*. Princeton, Princeton University Press, 1975.
- KREPS, J & CLARK, R. *Sex, Age and Work: The changing composition of the labor force*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1975.
- HECKMAN, J. e KILLINGSWORTH, M. *Female labor supply: A survey*. Handbook of labor economics, vol. 1, capítulo 2. Elsevier, 1986.
- NAKAMURA, A. & NAKAMURA, M. *The econometrics of female labor supply and children*. Econometrics Review, v.11, n. 1, p. 1-71, 1992.
- RAMOS, L., AGUAS, M & FURTADO, L. *Determinantes da Participação Feminina na Força de Trabalho: Mulheres Potencialmente Pobres versus Mulheres Potencialmente Ricas*. ANPEC, 2009. Mimeo.
- RIOS-NETO, E. L. G. *O impacto das crianças sobre a participação feminina na PEA: o caso das mulheres casadas urbanas*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Belo Horizonte.
- SCORZAFAVE, L. e MENEZES-FILHO, N. *Impacto da Participação das Mulheres na Evolução da Distribuição de Renda do Trabalho no Brasil*. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 35, n. 2, 2001.
- SEDLACEK, G. L. e SANTOS, E. C. *A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração da renda familiar*. Pesquisa e Planejamento Econômico, v. 21, n. 3, 1991.